

Temos ouvido e repetido em inúmeras ocasiões a frase de Lacan “*É melhor então que desista da psicanálise quem não consiga alcançar em seu horizonte a subjetividade da época.*” O que nos toca viver é uma afronta constante ao narcisismo do ser falante em quem a relação à falta necessária para a produção de um sujeito em relação ao discurso analítico, cambaleia. Quais então são os efeitos que pode acarretar esta sequência extrema de padecimentos - pandemia, ameaça de guerra mundial, apogeu do neoliberalismo selvagem – nas chamadas patologias no limite, nas quais, como diz a convocação para este Congresso, *ela está próxima de limites irreversíveis?* Outro tempo planetário, de neonazismo, nas palavras de Heidegger, definido em outras coordenadas, onde o *animal laborans*, segundo Arendt – além de tudo - é tal nesta sociedade do rendimento?

Vou me focalizar no meu livro “*Não fica louco quem quer*” (Letra Viva, 2011), no que consideramos como afecções narcísicas não psicóticas. A nosologia psiquiátrica engloba estas apresentações como *borderlines*, que os psicanalistas levaram em conta para validá-las ou transformá-las em histerias graves. Convocam-nos os trabalhos de Rassial sobre os estados-limite e as patologias nos confins, como as denomina Le Brun. É importante destacar que a preocupação por este tipo de casos já estava em Freud, muito bem assinalada: neuroses graves não facilmente suscetíveis do amor de transferência. Há pouco tempo, no espaço de uma convocação de *Lapsus Calami*, importante publicação da Convergência, assistimos a uma conversação entre Roland Chemama e Anabel Salafia. Chemama se focalizou particularmente em uma forma de apresentação atual dos traços perversos que se escutam nos pacientes no consultório. Anabel Salafia desenvolveu seu trabalho relativo à estrutura desses casos tomando como eixo o **fracasso da negação**, exposto no livro dela e que tem esse mesmo título, publicado em 2008. A pergunta que surge sobre essas apresentações é como abordar esses casos na clínica, levando em conta sua singularidade, mas há também um aspecto estrutural que os caracteriza, que Freud nos

ensinou: que são **refratários à neurose de transferência**, tal como nós a pensamos no âmbito da neurose.

Lacan nos proporciona três textos fundamentais: “*O estágio do espelho como formador da função do eu na experiência psicanalítica*”, “*Acerca da causalidade psíquica*” e “*A agressividade em psicanálise*”. Winnicott, Helen Deutsch e muitos outros da IPA já tinham se ocupado desses casos.

Mas voltemos a Freud. Ele nos ensina em “*Além do princípio de prazer*”, que o aparelho pode carecer do crivo necessário para constituir a barreira antiestímulo quando uma pessoa passou por situações altamente traumáticas: neuroses de guerra, severas neuroses de angústia. Ocorre uma falha na proteção frente a estímulos exteriores e ingressam níveis hipertróficos de excitação. O que ocorre neste tempo, em que os níveis de excitação por causas exógenas, como indicamos no início, podem atravessar a fraca barreira nesses casos? Sendo que sabemos também que a função do fantasma fracassa porque não sustenta o desejo? Continuando com Freud, em “*Neurose e Psicose*” (1923) as neuroses narcísicas que constituem as grandes psicoses se diferenciam das restantes. Com esta proposta freudiana, podemos falar das afecções narcísicas não psicóticas e assim nos aproximamos dos primeiros textos de Lacan já mencionados.

A transferência adquire níveis especulares que se assemelham a uma verdadeira batalha. É por isso que o texto freudiano de 1919 *Introdução Zur Psychoanalyse der Kriegsneurosen* dá conta de como a pulsão abrasa o Eu e ele, tomado pela pulsão, dificulta a relação à perda do objeto. A guerra externa do nosso tempo potencializa, ao nosso ver, esta guerra interna, porque o conteúdo traumático histórico vivido que estes sujeitos esgrimem como verdade torna-se mais potente devido ao nefasto horizonte da nossa época.

Qual é a forma da falta em jogo fundamental nestes casos? Trata-se da *Versagung*, não suportar a não satisfação da demanda que se reduz quase à necessidade. A perturbação narcísica afeta decididamente o registro imaginário, e se a análise circula entre o imaginário e o real, como bem afirma Norberto Ferreyra, estamos escutando um imaginário reduzido ao especular, quase estourado. Que lugar restaria então para o objeto a, que sabemos que

é não especularizável? Que lugar para o desejo? Como uma intervenção desde o simbólico pode produzir algum furo?

Há uns dias, uma paciente me escreveu: “...*meu pai está doente, eu tenho que atendê-lo, sou a única babaca que tem que fazê-lo, não tem outra, e minha mãe está no hospital* (eles estão separados). *A culpa é de todos vocês*”. O gozo do Outro consiste e existe. Nas mensagens enviadas (há restos da comunicação por whatsapp instalada durante a pandemia), eu lhe digo primeiro que não aceito esse texto “*A culpa é de todos vocês*”, dirigido obviamente aos muitos analistas de sua história, ela responde “*Desculpe*”. Ela me explica o que está acontecendo com os pais dela e se despede dizendo “*obrigada por ter-me ouvido, te mando um beijo*”. O trabalho sobre a frustração de gozo faz uma transitória passagem para a frustração de amor, transitória porque se repetirá. Há uma estase temporal muito pertinaz.

Devido a minha ampla experiência na clínica com crianças, posso escutar nesses casos que a vivência da dor muito precoce se repete sem que funcione com êxito - dito rapidamente - a defesa primária em termos do *Projeto*. Como bem estuda Anabel Salafia entre o *Projeto* e o artigo de *A Negação* (1925), é possível concluir que a desintração pulsional dá conta do fracasso da negação estrutural e que essa ausência-distância da Coisa é relativa, então, podemos supor que a *Bejahung*, afirmação primordial, é frágil também. Também foi assim a relação ao Ideal do Eu, primeiro selo, primeira marca significativa, signo do assentimento do Outro e que vai garantir a produção do *Einzigiger Zug*, traço unário. Tudo isso não é sem consequências em relação ao que Lacan vai definir o *em-forma de a* no Seminário *De um Outro ao outro*, já que esse *em-forma de a* determinará o que ele situa como os efeitos maliciosos do imaginário. O *em-forma de a* dá conta do lugar de *objeto a* que o sujeito ocupou no Desejo do Outro. As substituições pulsionais ficam reduzidas aos objetos da demanda oral e anal, ou bem voz e olhar, objetos do desejo, tomam as formas supereuicas mais extremas e se fixam nessa modalidade. Em certos casos, ter sido uma cagada para o desejo parental pode ser quase um lugar comum. Disso

se trata a rejeição precoce que não pode ser elaborada, da qual Lacan fala na *Conferência sobre o Sintoma*, embora a inscrição seja tardia.

Quando há uma perturbação da *Versagung*, frustração como forma da falta, o menos fi que é reserva operatória e libidinal e que faz com que o falo seja metaforizado sob a égide do Ideal, seja afetado também na sua operação, e isso afeta a imagem do corpo. A mesma paciente diz: "*sou uma merda, não tenho férias, não tenho marido, não tenho filhos*", o objeto a, que deveria estar no buraco do vaso de flores, está cheio de merda.

A articulação que Anabel Salafia faz entre *A Negação*, o *Projeto* e o *Seminário da Ética* nos conduz a lembrar o final do *Projeto*, onde Freud situa a possibilidade de erros lógicos naquilo que seria o funcionamento do Eu normal – esses que, justamente, podem ser escutados nesses pacientes. Com frequência, são uma exceção, ou pertencem a esse estatuto que Hegel denominou *o homem de coração tenro*, ou *a alma bela que não suporta os males do mundo*. Freud se pergunta nesses últimos parágrafos do *Projeto* como esses erros lógicos não permitem enfrentar o desprazer e perturba-se o *Not des Lebens*, premência de vida, e, logicamente, o *Nebenmensch*, ou seja, a relação ao outro que cada um tem dentro de si. Em *Análise terminável e interminável* Freud nos diz que "O eu normal é uma ficção ideal, o eu anormal não é, infelizmente, uma ficção". A verdade como estrutura de ficção está afetada.

Para a cura em casos tão difíceis, cito o trabalho de Solal Rabinovitch iniciado em *La folie du transfert* e em *L'ange, le fou, le savant et le psychanalyste*. O analista é responsável pelo desejo de seu analisando. O Nome do Pai não forclusivo com um corte por alguma intervenção talvez permita - a partir do simbólico - nomear melhor as coisas, com uma distância maior da Coisa. Atenuar o imaginário, fazer marca simbólica ali para que o especular não o invada é um sério obstáculo, porque o Sujeito suposto Saber não está constituído, na maioria dos casos, mas o corpo do analista está sim implicado na cura. O silêncio, a máxima abstinência ou colocar um limite a partir do simbólico operam sobre o real "*nesses termos não posso escutá-la*", o gozo fálico, implica uma proibição e talvez seja

assim como ocorre um *bem dizer* que podemos supor que sustenta o desejo desde outra perspectiva.

É a lei da palavra que está em jogo, já que aqui a lógica do significante faz águas. É a lei da palavra a que se articula com as tábuas da Lei, a que permitirá algum enodamento diferente, e coloco aqui a importância da clínica borromeana, na qual supomos que o nó ou a trança tornarão possível, com boa sorte, por momentos, um novo imaginário. E isso não é pouco, o assunto é a palavra da Coisa.